

A experiência do projecto da Rota Histórica das Linhas de Torres - uma paisagem polivalente

Florbela Estêvão

Embora se compreenda o interesse estratégico, para a defesa da qualidade do meio habitado, de considerar “paisagens culturais” ao lado de outras que seriam “paisagens naturais”, a verdade é que, no plano conceptual, esta diferença entre cultura e natureza não tem sentido. Não há no mundo paisagem alguma que não seja produto da interacção do “meio” com a acção humana, apenas variando o grau com que cada um dos factores entra na equação.

O mesmo se poderia aplicar à distinção entre “material” e “imaterial”: a reificação de cada uma dessas categorias é enganadora, como se houvesse um mundo material sobre o qual se viria depor o “mundo do espírito”. A perspectiva do ser humano sobre a realidade que o rodeia implica ambos os aspectos.

Por outro lado, é óbvio que uma paisagem se enriquece com a multiplicidade de leituras de que é alvo (multidisciplinaridade), e também com a transdisciplinaridade, que implica o cruzamento de muitas perspectivas e portanto de muitas pessoas com formações (e “olhares”, já que a paisagem é um conceito que deriva da pintura ocidental) diferentes.

Toda e qualquer paisagem é assim, desde que sobre ela incide a atenção humana, corpórea e incorpórea, natural e cultural, e, simultaneamente, uma realidade temporal, com uma história. Assim, toda a paisagem é o produto momentâneo, contingente, de um processo (sempre inacabado) de transformações.

O projecto intermunicipal e transdisciplinar da Rota Histórica das Linhas de Torres (cuja primeira fase decorreu entre 2007 e 2011) visa precisamente compreender e valorizar essa “espessura” de múltiplas valências de uma paisagem estremenha, na qual foram efectuadas, no início do século XIX, uma série de obras militares de campo de grande vulto, visando a defesa da capital do Reino relativamente aos exércitos franceses invasores.

Esta Rota pretende valorizar o Sistema Defensivo das Linhas a Norte de Lisboa, o qual, apresenta um alto grau de simbiose entre características físicas do terreno e a tipologia das estruturas nele implementadas. Trata-se pois de um conjunto harmónico e orgânico, em que a orografia/topografia e a arquitectura se imbricam.

Sendo um dispositivo defensivo militar em rede, estrategicamente adaptado ao território com vista a obter a máxima eficácia, nele tinha uma grande importância a capacidade de abarcar visualmente as regiões envolventes, o que, na actualidade, é também um óbvio motivo de interesse para o visitante moderno. Este quer compreender as intenções dos militares do século XIX, através da experiência visual que obtém do alto dos lugares onde estão implementadas as construções, ao que acrescenta a sua própria vivência das paisagens entretanto modificadas. É nesse jogo entre o que permanece e o que se transformou (entre as materialidades visíveis e a imaginação), incorporado pelo visitante, que reside o interesse desta sua experiência.

Mais do que entender apenas estruturas materiais, arqueológicas, trata-se de perceber uma realidade incorpórea que é a da estratégia militar com tudo o que isso envolvia de logística e de pessoas, por um lado, e por outro de integrar valências ambientais que tornam viva a paisagem e a experiência que ela permite.